



Uma abordagem da história das instituições educacionais: a importância do arquivo escolar

An approach to the history of educational institutions: The importance of the school's archives

Maria Aparecida Franco Pereira
poseducacao@unisinos.br

Resumo: O objetivo deste artigo é, a partir da consciência da crise da escola na atualidade, refletir sobre aspectos de sua identidade, através de rápidas considerações de alguns pensadores e de novos enfoques. A história da educação privilegia novos temas e busca elementos para análise da história das instituições educacionais, evidenciando a importância dos arquivos escolares para tal estudo. A apresentação do acervo documental de uma instituição educativa concreta (Liceu Feminino Santista) tem por fim exemplificar o valor dos documentos e dos arquivos escolares na recuperação da imagem da escola.

Palavras-chave: história da educação, história das instituições educacionais, arquivos escolares.

Abstract: Starting from the awareness of the present crisis in the schools, this article reflects about aspects of its identity through a brief discussion of some thinkers and new approaches. The history of education prioritizes new topics and looks for elements to analyze the history of educational institutions, showing the importance of the school archives for this study. The presentation of the documents of an existing educational institution (Liceu Feminino Santista) aims at exemplifying the value of the school documents and archives for the retrieval of the school's image.

Key words: history of education, history of educational institutions, school archives.

Introdução

Já há muito tempo que a educação e, conseqüentemente, a escola vêm sendo alvo de críticas acerbas. O olhar para a realidade não desmente o discurso.

Nos primeiros dias de janeiro de 2007, a *Folha de S. Paulo* publicou matéria que motivou vários outros comentários em dias subsequentes.

O mote principal da reportagem “Desmotivação é o tema que mais tira

os jovens da escola” – 40 % dos que deixam de estudar apontaram falta de vontade para assistir às aulas – é a “chatices da escola”! São 1,7 milhão de jovens, entre 15 e 17 anos, fora da escola (Góis e Constantino, 2007, p. C-1).

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) elaborou um estudo sobre esse abandono, de que saíram algumas considerações, entre elas as seguintes: 1) três em cada quatro desses jovens (75%) não completaram o ensino fundamental, mas a

maioria (68%) ao menos chegam até a 5ª série; 2) a falta de vontade de estudar é a maior causa do abandono dos bancos escolares, sobrepujando, nessa pesquisa, a falta de vagas, de transporte ou a necessidade de trabalhar.

Os comentários na imprensa, tentando mapear os motivos de a escola ter se “tornado chata”, ser um lugar enfadonho, são vários: “Incapacidade institucional da escola de mostrar-se, se não prazerosa, ao menos necessária ao jovem entre 15 e 17 anos” (Fraga, 2007, p.

A-2). “Disciplinas desconhecidas do cotidiano dos jovens, escolas sem a participação dos alunos nas decisões do dia-a-dia, professores desestimulados e avaliações que terminam em reprovação, desmotivando o estudante, após sucessivos fracassos.” (*Folha de S. Paulo*, 7 jan. 2007, p. C-1).

As sugestões se multiplicam: “A escola desperta interesse, quando carrega consigo uma promessa de futuro” (Calligaris, 2007, p. E-10). A educação deve capacitar o aluno “a compreender realidades, a mobilizar o saber e a usar e desenvolver idéias” (Unger, 2007, p. A-2). “O desafio do sistema educacional é apagar essa idéia de chatice. Será preciso algo infinitamente mais complexo do que um simples apagador de giz” (Fraga, 2007, p. A-2).

Certamente, mais do que culpar o professor, o aluno ou a família, é preciso buscar a verdadeira identidade da instituição educativa, através de uma análise mais profunda e sólida, com um instrumental teórico que auxilie a compreender a escola. A escola exige ser tratada de modo mais científico, numa dimensão mais criativa, dentro de uma “racionalidade técnica, política e cultural”.

Que instituição é a escola? Como deve ser a escola para o tempo presente?

Nas últimas décadas, vários pensadores da educação têm orientado a direção de seus estudos para a problemática da instituição educativa.

Certamente, como diz o pensador português Antônio Nóvoa, “os processos de mudança e de inovação educacional passam pela compreensão das instituições escolares em toda a sua complexidade técnica, científica e humana”. A sua compreensão implica

a contextualização social e política das instituições escolares, bem como a apropriação *ad intra* dos seus mecanismos de tomada de decisão e das

suas relações de poder. As escolas constituem uma territorialidade espacial e cultural, onde se exprime o jogo dos actores educativos internos e externos; por isso, a sua análise só tem verdadeiro sentido se conseguir mobilizar todas as dimensões pessoais, simbólicas e políticas da vida escolar, não reduzindo o pensamento e a acção educativa a perspectivas técnicas, de gestão ou de eficácia *stricto sensu* (Nóvoa, 1995, p. 16).

A instituição escolar está alicerçada em tríplice estrutura ou dimensão: *física* (o prédio, os seus espaços físicos, a sua configuração e a sua ocupação permitem ler a arquitetura pedagógica que está em jogo); *administrativa*: envolvendo as áreas pedagógica e didática, áreas de direção e de gestão com seus atores: professores, alunos e funcionários em interação; *sociocultural*, de produção e transmissão de cultura, de saberes e de formação, ou seja, “conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar”.

Atualmente se valoriza a gestão escolar na busca da recuperação do papel da escola, responsabilizando-se os atores educativos.

Chamo a atenção para um dos aspectos da análise mais ampla de Justino Pereira de Magalhães a respeito das instituições educativas:

Torna-se necessário conhecer e caracterizar os órgãos de gestão, direção; explicar como se efetua a comunicação interna e externamente, conhecer e caracterizar as relações de poder, as hierarquias e as instâncias com capacidade de decisão; conhecer e caracterizar os corpos docente, administrativo e auxiliar; conhecer e avaliar as formas de participação por parte dos diversos actores, a título individual, grupal ou de representação; conhecer a relação e a participação da comunidade envolvente; as relações com o poder central e com os poderes regionais e locais (Magalhães, 1999, p. 71).

Procurando estudar a escola na sua efetividade, os atuais estudos da

cultura escolar e das práticas escolares contribuem para identificar as instituições escolares, para analisar a escola na sua historicidade, no seu real funcionamento, em suas situações concretas, nas suas representações assumidas pelos sujeitos, não somente as declaradas pelos seus autores. A cultura escolar é entendida como “um conjunto de teorias, idéias, princípios e normas, regras, rituais, rotinas do cotidiano, hábitos e práticas, formas de fazer e de pensar, comportamentos” (Viñao Fraga, in Vidal, 2005, p. 110).

A contribuição dos arquivos escolares para a história das instituições educacionais

O apelo à recuperação do passado tenta buscar a identidade, resolver a questão do presente, ou seja, como resgatar o papel, a função da escola nos dias de hoje. A reconstrução do passado de uma instituição escolar é importante para rever os seus caminhos, direcionar a correção de suas atuais rotas.

A construção da história de uma instituição educativa visa, por fim, conferir uma identidade cultural e educacional. Uma interpretação do itinerário histórico, à luz do seu próprio modelo educacional. A história de uma instituição educativa constrói-se a partir de uma investigação coerente e sob um grau de complexidade crescente, pelo que à triangulação entre os historiadores anteriores, à memória e ao arquivo se deverá contrapor uma representação sintética, orgânica e funcional da instituição – o seu modelo pedagógico (Magalhães, 1999, p. 72).

A síntese historiológica, fruto do trabalho de reconstrução da história da instituição, apresenta-se em forma de narrativa. É um esforço de construção de uma imagem da escola, não um relato ou recitação de acontecimentos, mas uma narrativa com interpretações.

Flávia Werle chama a atenção para o aspecto de representação da reconstrução do passado, nas três dimensões: perspectiva de representação coletiva, de relacionamento de ritos e símbolos e de tornar presente o que está ausente. “A história das instituições escolares é uma tentativa de formular uma representação da instituição no que se refere a atitudes e condutas que foram constantemente elaboradas e rearticuladas por meio de seus membros – indivíduos e grupos – diante de estímulos e pressões exteriores e quanto ao seu grau de integração e formas de funcionamento” (Werle, 2004, p. 15).

Para tal, é necessário ir aos arquivos com um instrumental teórico que auxilie a análise compreensiva da documentação e da escola.

A recuperação do passado se faz com documentos, premissa inquestionável na tarefa do historiador, e sabemos que o pesquisador vai ao passado com questões levantadas no presente.

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (Le Goff, 1996, p. 545).

O documento, que tinha o significado de *prova*, passa a ser considerado *monumento* (perpetua ou evoca o passado), quando utilizado pelo historiador (Le Goff, 1996, p. 535, 536, 546).

As fontes armazenadas no arquivo são as mais tradicionais. Textos escritos, manuscritos ou impressos, os documentos foram produzidos pela própria escola, quotidianamente na sua atividade regular.

O arquivo da escola é um importante local de referência, pois armazena uma complexa rede de documentos fundamentais para a história institucional. São documentos que regis-

tram os passos da sua vida diária, os atos ditos oficiais das instituições; documentos administrativos comprobatórios, como matrícula, atas de exames, boletins de frequência e de avaliações, diários de classe, livro de assinaturas de ponto, currículos, atos disciplinares, mapas estatísticos, material simbólico. E outros eventos que também fazem parte do seu cotidiano, como festas, competições esportivas, concursos literários, exposições etc.

A historiadora lusitana Maria João Mogarro elenca, organizada, as múltiplas “fontes de informação escolar”; vale a pena reproduzi-las:

- Textos legais e documentos oficiais;
- Estatísticas;
- Relatórios técnicos;
- Regulamentos, circulares e normas, enquanto documentos de circulação não apenas interna, nas instituições escolares, mas também entre estas e o poder central;
- Documentos administrativos e pedagógicos;
- Publicações, como livros, artigos de jornais e revistas, exteriores à escola. São trabalhos científicos, pedagógicos e culturais, poesias, que surgem na imprensa regional e imprensa pedagógica, mas que também podem ter a natureza de obras autônomas, escritas e publicadas por iniciativa dos professores, que são também os autores;
- Equipamentos e objectos de diversa natureza;
- Materiais didáticos e escolares, geralmente pertencentes a arquivos particulares;
- Trabalhos escolares de alunos que, na maior parte dos casos, se encontram também em arquivos particulares e não nos arquivos das instituições escolares;
- Fotografias e outros documentos iconográficos;
- Testemunhos orais de professores, alunos, funcionários e outros elementos da comunidade educativa (Mogarro, 2005, p. 110).

Contudo, só uma parte do passado escolar fica registrada por escrito. Por isso, é importante apelar para a

memória, para os depoimentos, os testemunhos de pessoas que fizeram parte de sua história.

De há muito, o movimento dos *Anales* contribuiu para a ampliação da noção de documento, não mais só os escritos, mas a tudo aquilo que revela o passado humano, que é fruto da ação do homem, nos seus mais diversos suportes: objetos variados, quadros, cartelas, globos, lousas, mobiliário, quadros didáticos ou comemorativos; uniformes, cadernos, provas escolares, trabalhos de alunos, manuais escolares, diários de recordações de adolescentes; material iconográfico, sonoro etc.

É preciso reconhecer que a guarda dos objetos escolares, como globos, cartelas, material dourado, projetor de slides, lanterna mágica, sólidos, museus escolares, dentre muitos outros, é importante na compreensão de que os objetos portam pistas das múltiplas maneiras como professores e alunos constituíram inteligibilidades e suscitam a investigação sobre as diferentes formas de sua apropriação, oferecendo ao pesquisador índices sobre as relações pretéritas dos sujeitos com a materialidade escolar ou sobre a formalidade das práticas escolares e fazendo-o recordar que as situações pedagógicas se constroem muito frequentemente por formas orais de socialização (Vidal, 2005, p. 24).

Os arquivos – um dos lugares da memória – não podem ser mero acúmulo de documentos, mas oportunidade de compreender o passado nas relações que estabelece com o presente. As escolas, a maior parte das vezes, detêm esses acervos, nem sempre de forma valorizada, localizando-os em depósitos de despejo.

As instituições escolares do presente devem desenvolver uma política de conservação da documentação e dos testemunhos e conscientizar os seus atores do valor deles como patrimônio cultural: “O patrimônio escolar não pode ser visto como um conjunto de objetos folclóricos de um

passado que se desconhece, mas tem que ser integrado na transformação dos contextos escolares e da relação da docência com a cultura” (Felgueiras, 2005, p. 98).

Uma questão que se coloca a esses arquivos e museus escolares diz respeito ao que se deve armazenar e ao que se deve descartar, pois há muitos objetos desaparecidos, hoje valorizados, de cuja importância para a história, no futuro, não se tinha consciência.

Assim, devemos observar que segmentos da história da educação deverão estar direcionados para caracterizar a escola como instituição, com autonomia pedagógica, curricular e profissional; tendo em vista não só a sua estrutura, mas também a sua cultura organizacional.

As escolas, para encontrarem a sua verdadeira identidade, devem se transformar em centro de investigação, buscando as suas soluções próprias, contextualizando todas as suas dimensões, interagindo social e comunitariamente.

Um arquivo escolar exemplar na primeira metade do século XX: Liceu Feminino Santista

A história das instituições educacionais é facilitada quando a escola mantém o seu arquivo histórico organizado, em funcionamento.

O Liceu Feminino Santista é uma instituição centenária que é motivo de orgulho para as gerações que a frequentaram, apesar da lembrança de uma disciplina rigorosa, em determinada época de sua evolução. Hoje essa escola continua sua caminhada em fase de prestígio com suas idéias transformadoras, respondendo aos desafios de nossos tempos.

A sua origem está ligada ao movimento paulista de Anália Franco, em prol das crianças e moças desfavorecidas economicamente. A professora normalista Eunice Caldas (1879-1967) criou em Santos, em 1902, uma filial da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva. Questões internas ocasionaram o desligamento do grupo de

São Paulo, e a Associação Feminina Santista tomou o seu lugar.

O Liceu Feminino Santista foi fundado com o fim de dar formação cultural às mulheres, prepará-las para viver na sociedade e, ao mesmo tempo, formá-las professoras para reger as escolas maternais da Associação Feminina Santista.

Eunice Caldas logo se afastou da instituição, mas a história mostrou uma caminhada de grandes realizações do grupo fundador.

A instituição foi sofrendo transformações até que, em 1976, a Associação Feminina Santista, sem condições de manter as suas escolas, encerrou as atividades após 74 anos de vida. O Liceu Santista passou a ser patrimônio da Mitra Diocesana de Santos, que, através da Sociedade Visconde de São Leopoldo, continuou em novos moldes e clientela, como instituição de prestígio, já com pouco mais de 104 anos (Pereira, 1996).

Sucintamente, relacionamos os principais documentos do acervo do Liceu Santista e da antiga mantenedora (Pereira, 1986):

(*) Livros que dizem respeito ao primeiro grupo de documentos (vida escolar dos alunos).

RELATÓRIOS IMPRESSOS DA ASSOCIAÇÃO FEMININA SANTISTA E LICEU FEMININO SANTISTA
Inicialmente trienais (1904-1905 até 1910-1911), depois anuais (de 1911 até 1942).

REGULAMENTO

- 1 copiador de certidões e atestados (manuscrito) de 1918 a 1944.
- 1 livro de recibos das certidões de nascimento das alunas do Liceu Feminino Santista. Manuscrito – de 1925 a 1950.
- Regulamentos sobre a instrução – Associação Feminina Santista – Eunice Caldas – de 1903.
- Regulamento e Regimento Interno das escolas da Associação Feminina Santista – Eunice Caldas – de 1903.
- Regulamento Geral do Liceu Feminino e Escolas Maternais – de 1905.
- Regulamento Geral do Liceu Feminino e Escolas Maternais – de 1911; de 1914; de 1916; de 1920; de 1928.
- Reforma do Regulamento Geral – de 1932.
- Estatutos e Regimento da Biblioteca – de 1903 a 1907.
- Estatutos da Associação Feminina Santista e Regimento da Biblioteca – de 1927.
- Estatutos da Associação Feminina Santista – de 1959.

Diversos:

- 1 pasta contendo material manuscrito e datilografado, referente à Revolução Constitucionalista, de 12/11/32 a 18/05/53.
- 1 caderno com relação nominal de senhoras que prestaram auxílio à Cruzada Constitucionalista.
- 1 livro com cópias de Títulos de Nomeação, de janeiro de 1912 a 7/3/1935.
- 1 livro de Inventário da Associação Feminina Santista, de 6/5/1902 a 1943.

Hino às Mães - Partitura original – sem data – Música de Oscar Ferreira, poesia de Vicente de Carvalho.

Avulsos - 1 pasta contendo material manuscrito e datilografado, com papéis diversos: correspondência, currículos de professores, relação de presidentes da Associação Feminina Santista, histórico, dados informativos, memoriais enviados – de 1902 a 1975.

Posters - Jubileu de ouro do Liceu Feminino Santista – 1952, 1 página de “A Tribuna”; Jubileu de ouro do Liceu Feminino Santista – 1952 (enquadrado em madeira).

Fotos - 1 arca de madeira contendo uma coleção de retratos, fotografias, instantâneos, retratos do corpo docente e discente, membros da Associação Feminina Santista, formandas, parentes, amigos ligados à Associação e ao Liceu Feminino Santista; 1 retrato emoldurado de D. Eunice Caldas.

O acervo dos álbuns fotográficos de formatura compõe-se de:

de 1923 a 1942: 11 unidades; década de 20 = 4; década de 30 = 6; década de 40 = 1.

Obras da fundadora:

CALDAS, Eunice. *Brasil*. São Paulo: Livraria da Liberdade, 1926.

_____. *Inezilha Braz – narração educativa*. São Paulo: Pocaí Weiss & C., 1914.

_____. *As moças da moda*. São Paulo: Pocaí Weiss, s/d.

A ida ao arquivo escolar é feita com um roteiro, com questões indagadoras. Utilizo, no manuseio dessas fontes, o roteiro baseado nas categorias de análise de Petitat no seu estudo de pedagogia crítica (Petitat, 1994). Com esse instrumental, podem-se evidenciar, no arquivo do Liceu Santista, dados sobre a criação da Associação Feminina Santista e de suas escolas, composição social das mulheres organizadoras e dos professores, a origem social da clientela escolar, modo de utilização do espaço físico, a organização do tempo, a organização pedagógica, a seleção de conteúdos e o modo de avaliação, o poder instituído, as relações com a sociedade em que está inserida a escola.

A título de exemplo, chamamos a atenção para o valor de alguns desses documentos.

Os relatórios impressos, apresentados pela presidente à Assembléia mantenedora, descrevem as principais atividades da Associação e de seus principais organismos, as escolas e sua biblioteca. Abrangem o período de 1902 a 1945.

Na mesma linha estão as atas da diretoria e da Congregação dos Professores. A análise do Livro das Sócias e Beneméritos traz contribuições para o conhecimento da sociedade santista e, mormente, da importância do comércio cafeeiro no incentivo à educação e cultura.

É necessário lembrar que a documentação contida nas atas, nos relatórios, além de cumprir certas exigências da legislação, do próprio tipo de atividade (escolar), mostra o agir de um grupo de mulheres empreendedoras, a partir da visão que elas tinham do mundo. Registraram os acontecimentos, as preocupações da realidade que viveram. Se, por um lado, esse fardo material nos dá muitas informações, por outro lado, deixa-nos também muitas interrogações. Quem são essas mulheres, qual a sua formação profissional, a que correntes de pensamento pertencem? O conhecimento, com muito esforço, com muita “garimpagem”, traz à tona delineamentos suaves. O conhecimento dos homens (professores) é mais fácil, pois a sua presença na sociedade é mais visível.

O livro “borrador” traz a cópia dos ofícios enviados, transcritos um a um, dando elementos para entender questões que a Escola teve que enfrentar e observar a sua grande rede de relações com as mais diversas instituições da sociedade.

Os álbuns de formatura, além de mostrar as fotos das presidentes da AFS, de professores e alunos, registram um evento de sucesso na vida escolar. Alguns dos álbuns têm a assinatura de fotógrafos da cidade, e os dos anos de 1931 e 1932 são produzidos por uma mulher fotógra-

fa, Sophia Pretzel. É possível, pela seqüência dos anos, identificar o período de dois tipos de uniformes escolares.

O baú de madeira contém um pouco mais de 500 fotografias, várias com cópias, em ótimo estado, mas a maioria sem legenda, o que dificulta fazer a análise histórica. Num trabalho inicial, estão organizadas em grupos e séries.

As fotos são de: a) grupos de alunas, com seu professor responsável; b) algumas atividades pedagógicas (como o material de Froebel, numa turma de jardim da infância); c) professores; d) cerimônias (formaturas, inaugurações) e eventos (lançamento de pedra inaugural); e) recintos escolares: pátio, laboratórios, sala de aula, biblioteca etc.

Assim, pela listagem do acervo Liceu Feminino Santista, pode-se avaliar a importância de um arquivo escolar bem organizado e cuidado para a elaboração da história da instituição escolar.

Referências

- CALLIGARIS, C. 2007. Os sonhos dos adolescentes. *Folha de S. Paulo*, 11 jan.
- É CHATO porque não faz sentido para o aluno. 2007. *Folha de S. Paulo*, 7 jan.
- FELGUEIRAS, M.L. 2005. Materialidade da cultura escolar. A importância da Museologia na conservação/comunicação da herança educativa. *Pro-posições*, 16(46):87-116.

- FRAGA, P. 2007. Idéias apagadas, *Folha de S. Paulo*, 8 jan.
- GATTI JÚNIOR, D. 2002. A História das Instituições Educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. In: J.C.S. ARAÚJO e D. GATTI JÚNIOR, *Novos temas em História da Educação Brasileira: instituições escolares e educação na imprensa*, Campinas, Editoras Associadas, p. 3- 24.
- GÓIS, A. e CONSTANTINO, L. 2007. Desmotivação é o tema que mais tira os jovens da escola. *Folha de S. Paulo*, 7 jan.
- LE GOFF, J. 1996. *História e memória*. 4ª ed. Campinas, Editora da Unicamp, 540 p.
- MAGALHÃES J.P. de. 1999. *Breve apontamento para a história das instituições educativas*. In: J.L. SANFELICE; D. SAVIANI e J.C. LOMBARDI (orgs.), *História da Educação: perspectivas para um intercâmbio internacional*, Campinas, Autores Associados, p. 67-72.
- MOGARRO, M.J. 2005. Os arquivos escolares nas instituições educativas portuguesas. Preservar a informação, construir a memória, *Pro-posições*, 16(46):103-116
- NÓVOA, A. 1995. Para uma análise das instituições escolares. In: A. NÓVOA (coord.), *As organizações escolares em análise*, 2ª ed., Lisboa, Publicações D. Quixote, p. 13-43.
- PEREIRA, M.A.F. 1986. *Mentalidade liberal da elite paulista e instituições de ensino em Santos (1870-1920): levantamento de fontes e análise*. Síntese do relatório final. INEP, 14 outubro, 42 p.
- PEREIRA, M.A.F. 1996. *Santos nos caminhos da educação popular*. São Paulo, Loyola, 150 p.
- PETITAT, A. 1994. *Produção da escola, produção da sociedade*. Porto Alegre, Artes Médicas, 268 p.
- SANFELICE, J.L.; SAVIANI, D. e LOMBARDI, J.C. (orgs.). 1999. *História da Educação: perspectivas para um intercâmbio internacional*. Campinas, Autores Associados, 150 p.
- SOUZA, R.F. de e VALDEMARIN, V.T. (orgs.). 2005. *A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa*. Campinas, Autores Associados, 207 p.
- UNGER, R.M. 2007. Ensino que ensine. *Folha de S. Paulo*, 9 jan.
- VIDAL, D.G. 2005. Cultura e prática escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: R.F. de SOUZA e V.T. VALDEMARIN (orgs.), *A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa*, Campinas, Autores Associados, p. 3-30.
- WERLE, F.O.C. 2004. História das instituições escolares: de que se fala? In: J.C. LOMBARDI e M.I.M. NASCIMENTO (orgs.), *Fontes, Historiografia da Educação*, Campinas, Autores Associados, p. 13-35.

Submetido em: 1/02/2007

Aceito em: 21/04/2007

Maria Aparecida Franco Pereira
 Universidade Católica de Santos
 Av. Conselheiro Nôbias, 300,
 11015-002 Santos SP, Brasil